



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Marcas deixadas pela prematuridade: vivências e escolhas maternas em relação a cuidados não-parentais aos 12 meses do bebê
Autor	LARISSA RAMOS DA SILVA
Orientador	RITA DE CASSIA SOBREIRA LOPES

Marcas deixadas pela prematuridade: vivências e escolhas maternas em relação a cuidados não-parentais aos 12 meses do bebê

Larissa Ramos da Silva
Orientadora: Rita de Cássia Sobreira Lopes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Um bebê prematuro é aquele que nasce antes de 37 semanas de idade gestacional e devido a sua imaturidade fisiológica precisa ficar internado em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTI Neo), onde as primeiras pessoas a cuidarem dele são membros da equipe hospitalar. Este é um evento potencialmente traumático para a relação mãe-bebê e a família, tendo em vista que tanto a mãe quanto o bebê não estão ainda preparados para a intensa experiência que perpassa os primeiros momentos dessa relação. Depois da alta hospitalar, o bebê vai para casa e passa a ser cuidado integralmente pela mãe e a família, que muitas vezes ficam sem acompanhamento ou possibilidade de serem escutados e de elaborarem a experiência vivida na UTI neonatal. Tendo em vista a especificidade da presença intrusiva de cuidadores não parentais durante o período de internação hospitalar do bebê, torna-se importante investigar o impacto da mesma nas mães, num período tão crucial e inicial para o desenvolvimento da maternidade e do bebê. Torna-se importante também investigar em que medida o impacto dessas vivências maternas em relação a esses cuidados se mantém a longo prazo. Assim, o objetivo desse estudo foi investigar as vivências maternas em relação à inserção ou não de cuidadores não-parentais aos 12 meses de vida de seus bebês prematuros, atentando para seus sentimentos e expectativas em relação a outros cuidadores e à creche. Participaram do estudo 35 mães, que responderam a uma entrevista estruturada realizada de forma semidirigida. As entrevistas foram transcritas e analisadas através de análise de conteúdo. Os resultados foram levantados a partir de dois grupos de mães: aquelas que incluíam outros cuidadores na rotina do bebê e aquelas que não incluíam. Resultados parciais apontam que muitas mães contavam com o auxílio de outros cuidadores no primeiro ano do bebê. As mães preferiam deixar o bebê com um cuidador de confiança, especialmente um membro da família, a deixá-lo em uma creche. Por outro lado, outras mães não deixavam o bebê aos cuidados nem de outros cuidadores, nem de instituições, seja por escolha própria o por não terem com quem contar para auxiliá-las. Algumas mães relacionaram suas escolhas em relação à inserção de outros cuidadores na rotina do bebê com a prematuridade, relatando sentimentos de preocupação e medo, principalmente em relação à saúde dos bebês e à capacidade dos cuidadores de atenderem a suas necessidades, supostamente especiais. Contudo, vale destacar que nem todas as mães explicitam a relação entre o fato de o bebê ter nascido prematuro e suas escolhas em relação aos cuidadores, mesmo que seja possível pensar que essa relação possa estar implícita em seu discurso. Esses resultados revelam as marcas deixadas pela prematuridade nas mães, as quais muitas vezes permanecem ainda ligadas a um bebê supostamente ainda não suficientemente maduro para encarar os desafios naturais da sua idade. Mostram também a importância de as mães serem acompanhadas e escutadas nesse período crucial para o desenvolvimento emocional do bebê, de modo que elas tenham um espaço de elaboração das vivências relacionadas aos bebês e eles possam se desenvolver de forma saudável.